

JOSÉ SARAMAGO

CAIM



CAMINHO

Ficha Técnica

CAIM

Autor: José Saramago

Editora: Caminho

Capa: Rui Garrido

Revisão literária: Fundação José Saramago

ISBN 9789722122436

© José Saramago e Editorial Caminho – 2009

Uma editora do grupo Leya

Editorial Caminho

Rua Cidade de Córdova, 2
2610-038 Alfragide – Portugal

www.editorial-caminho.pt

*Pela fé, Abel ofereceu a Deus um sacrifício
melhor do que o de Caim. Por causa da sua fé
Deus considerou-o seu amigo e aceitou com
agrado as suas ofertas. E é pela fé que Abel
embora tenha morrido, ainda fala*

(Hebreus, 11, 4-10)
LIVRO DOS DISPARATE

Quando o senhor, também conhecido como deus, se apercebeu de que a adão e eva, perfeitos e tudo o que apresentavam à vista, não lhes saía uma palavra da boca nem emitiam ao menos um simples som primário que fosse, teve de ficar irritado consigo mesmo, uma vez que não havia ninguém no jardim do éden a quem pudesse responsabilizar pela gravíssima falta, quando os outros animais, produtos, todos eles, tal como os dois humanos, do faça-se divino, uns por meio de mugidos e rugidos, outros por roncos, chilreios, assobios e cacarejos, desfrutavam já de voz própria. Num acesso de ira, surpreendente em quem tudo poderia ter solucionado com outro rápido fiat, correu para o caso e, um após outro, sem contemplações, sem meias-medidas, enfiou-lhes a língua pela garganta abaixo. Dos escritos em que, ao longo dos tempos, vieram sendo consignados um pouco ao acaso os acontecimentos destas remotas épocas, quer de possível certificação canónica futura ou fruto de imaginações apócrifas e irremediavelmente heréticas, não se aclara a dúvida sobre que língua terá sido aquela, se o músculo flexível e húmido que se mexe e remexe na cavidade bucal e às vezes fora dela ou a fala, também chamada idioma, de que o senhor lamentavelmente se havia esquecido e que ignoramos qual fosse, uma vez que dela não ficou o menor vestígio, nem ao menos um coração gravado na casca de uma árvore com uma legenda sentimental, qualquer coisa no género amo-te, eva. Como uma coisa, em princípio, não deveria ir sem a outra, é provável que um outro objectivo do violento empurrão dado pelo senhor às mudas línguas dos seus rebentos fosse pô-las em contacto com os mais profundos interiores do ser corporal, as chamadas incomodidades do ser, para que, no porvir, já com algum conhecimento de causa, pudessem falar da sua escura e labiríntica confusão a quem, pela janela, a boca, já começavam elas a assomar. Tudo pode ser. Evidentemente, por um escrúpulo de bom artifício que só lhe ficava bem, além de compensar com a devida humildade a anterior negligência, o senhor quis comprovar que o seu erro havia sido corrigido, e assim perguntou a adão, Tu, como te chamas, e o homem respondeu, Sou adão, teu primogénito, senhor. Depois, o criador virou-se para a mulher, E tu, como te chamas tu, Sou eva, senhor, a primeira dama, respondeu e, desnecessariamente, uma vez que não havia outra. Deu-se o senhor por satisfeito, despediu-se com um olhar paternal Até logo, e foi à sua vida. Então, pela primeira vez, adão disse para eva, Vamos para a cama.

Set, o filho terceiro da família, só virá ao mundo cento e trinta anos depois, não porque a gravidez materna precisasse de tanto tempo para rematar a fabricação de um novo descendente, mas porque as gónadas do pai e da mãe, os testículos e os ovários respectivamente, haviam tardado mais de um século a amadurecer e a desenvolver suficiente potência generativa. Há que dizer aos apressados que o fiat foi uma vez e nunca mais, que um homem e uma mulher não são máquinas de encher chouriços, que as hormonas são coisa muito complicada, não se produzem assim do pé para a mão, não se encontram nas farmácias nem nos supermercados, há que dar tempo ao tempo. Antes de set tinham vindo ao mundo, com escassa diferença de tempo entre eles, primeiro caim e depois abel. O que não pode ser deixado sem imediata referência é o profundo aborrecimento que foram tantos anos sem vizinhos, sem distrações, sem uma criança gatinhando entre a cozinha e o salão, sem outras visitas que as do senhor, e mesmo essas pouquíssimas e breves, espaçadas por longos períodos de ausência, dez, quinze, vinte, cinquenta anos, imaginamos que pouco haverá faltado para que os solitários ocupantes do paraíso terrestre se vissem a si mesmos como uns pobres órfãos abandonados na floresta do universo.

ainda que não tivessem sido capazes de explicar o que fosse isso de órfãos e abandonos. É verdade que dia sim, dia não, e este não com altíssima frequência também sim, adão dizia a eva, Vamos para cama, mas a rotina conjugal, agravada, no caso destes dois, pela nula variedade nas posturas por falta de experiência, já então se demonstrou tão destrutiva como uma invasão de carunchos a roer a trave da casa. Por fora, salvo alguns pozinhos que vão escorrendo aqui e ali de minúsculos orifícios, atentado mal se percebe, mas lá por dentro a procissão é outra, não tardará muito que venha por abaixo o que tão firme havia parecido. Em situações como esta, há quem defenda que o nascimento de um filho pode ter efeitos reanimadores, senão da libido, que é obra de químicas muito mais complexas que aprender a mudar uma fralda, ao menos dos sentimentos, o que, reconheça-se, já não é pequeno ganho. Quanto ao senhor e às suas esporádicas visitas, a primeira foi para ver se adão e eva haviam tido problemas com a instalação doméstica, a segunda para saber se tinham beneficiado alguma coisa da experiência da vida campestre e a terceira para avisar que tão cedo não esperavam voltar, pois tinha de fazer a ronda pelos outros paraísos existentes no espaço celeste. De facto, só viria a aparecer muito mais tarde, em data de que não ficou registo, para expulsar o infeliz casal do jardim do éden pelo crime nefando de terem comido do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Este episódio, que deu origem à primeira definição de um até aí ignorado pecado original, nunca ficou bem explicado. Em primeiro lugar, mesmo a inteligência mais rudimentar não teria qualquer dificuldade em compreender que estar informado sempre será preferível a desconhecer, mormente em matérias tão delicadas como são estas do bem e do mal, nas quais qualquer um se arrisca, sem dar por isso, a uma condenação eterna num inferno que então ainda estava por inventar. Em segundo lugar, brada aos céus a imprevidência do senhor, que se realmente não queria que lhe comessem do tal fruto, remédio fácil teria, bastaria não ter plantado a árvore, ou ir pô-la noutra sítio, ou rodeá-la por um cerco de arame farpado. E, em terceiro lugar, não foi por terem desobedecido à ordem de deus que adão e eva descobriram que estavam nus. Nuzinhos, em pelota estreme, já eles andavam quando iam para a cama, e se o senhor nunca havia reparado em tão evidente falta de pudor, a culpa era da sua cegueira de progenitor, a tal, pelos vistos incurável, que nos impede de ver que os nossos filhos, no fim de contas, são tão bons ou tão maus como os demais.

Ponto de ordem à mesa. Antes de prosseguirmos com esta instrutiva e definitiva história de caim, que, com nunca visto atrevimento, metemos ombros, talvez seja aconselhável, para que o leitor não seja confundido por segunda vez com anacrónicos pesos e medidas, introduzir algum critério de cronologia dos acontecimentos. Assim faremos, pois, começando por esclarecer alguma maliciosa dúvida por aí levantada sobre se adão ainda seria competente para fazer um filho aos cento e trinta anos de idade. À primeira vista, não, se nos ativermos apenas aos índices de fertilidade dos tempos modernos, mas esses cento e trinta anos, naquela infância do mundo, pouco mais teriam representado que uma simples e vigorosa adolescência que até o mais precoce dos casanovas desejaria para si. Além disso, convém lembrar que adão viveu até aos novecentos e trinta anos, pouco lhe faltando portanto, para morrer afogado no dilúvio universal, pois finou-se em dias da vida de lamec, o pai de noé, futuro construtor da arca. Logo, teve tempo e vagar para fazer os filhos que fez e muitos mais estivesse para aí virado. Como já dissemos, o segundo, o que viria depois de caim, foi abel, um moço aloirado, de boa figura, que, depois de ter sido objecto das melhores provas de estima do senhor, acabou da pior forma. Ao terceiro, como também ficou dito, chamaram-lhe set, mas esse não entra na narrativa que vamos compondo passo a passo com melindres de historiador, por isso aqui deixamos, só um nome e nada mais. Há quem afirme que foi na cabeça dele que nasceu a ideia de criar uma religião, mas desses delicados assuntos já nos ocupámos avonde no passado, com recriminações ligeiras na opinião de alguns peritos, e em termos que muito provavelmente só virão a prejudicar-nos nas alegações do juízo final quando, quer por excesso quer por defeito, todas as almas forem condenadas. Agora somente nos interessa a família de que o papá adão é cabeça, e que má cabeça f

ela, pois não vemos como chamar-lhe doutra maneira, já que bastou trazer-lhe a mulher o proibido fruto do conhecimento do bem e do mal para que o inconsequente primeiro dos patriarcas, depois de se fazer rogado, em verdade mais por comprazer consigo mesmo que por real convicção, se tivesse engasgado com ele, deixando-nos a nós, homens, para sempre marcados por esse irritante pedaço de maçã que não sobe nem desce. Também não falta quem diga que se adão não chegou a engolir de todo o fruto fatal foi porque o senhor lhes apareceu de repente a querer saber o que se tinha passado ali. Mas agora, e antes que se nos esqueça de vez ou o prosseguimento do relato venha a tornar inadequada, por tardia, a referência, revelaremos a visita sigilosa, meio clandestina, que o senhor fez ao jardim do éden numa cálida noite de verão. Como de costume, adão e eva dormiam nus, um ao lado do outro sem tocar-se, imagem edificante mas enganadora da mais perfeita das inocências. Não despertaram com eles e o senhor não os despertou. O que ali o senhor tinha levado fora o propósito de emendar uma imperfeição de fabrico que, finalmente o percebera, desfeava seriamente as suas criaturas, e que era, imagine-se, a falta de um umbigo. A superfície esbranquiçada da pele dos seus bebés, que o suave sol do paraíso não conseguira tostar, mostrava-se demasiado nua, demasiado oferecida, de certo modo obscena, se a palavra já existisse então. Sem detença, não fossem eles acordar, deus estendeu o braço e, levemente, premiu com a ponta do dedo indicador o ventre de adão, logo fez um rápido movimento de rotação e o umbigo apareceu. A mesma operação, praticada a seguir em eva, deu resultados semelhantes, ainda que com a importante diferença de o umbigo dela ter saído bastante melhorado no que toca a desenho, contornos e delicadeza de pregas. Foi esta a última vez que o senhor olhou uma obra sua e achou que estava bem.

Cinquenta anos e um dia depois desta afortunada intervenção cirúrgica com a qual se iniciaria uma nova era na estética do corpo humano sob o lema consensual de que tudo nele é melhorável, deu-se uma catástrofe. Anunciado por um estrondo de trovão, o senhor fez-se presente. Vinha trajado de maneira diferente da habitual, segundo aquilo que seria, talvez, a nova moda imperial do céu, com uma coroa tripla na cabeça e empunhando o ceptro como um cacete. Eu sou o senhor, gritou, eu sou aquele que criou o jardim do éden. O jardim do éden caiu em silêncio mortal, não se ouvia nem o zumbido de uma vespa, nem o ladrar de um cão, nem um pio de ave, nem um bramido de elefante. Apenas uma bandada de estorninhos que se havia acomodado numa oliveira frondosa que vinha dos tempos da fundação do jardim levantou vozes num só impulso, e eram centenas, para não dizer milhares, que quase obscureceram o céu. Que desobedeceu às minhas ordens, quem foi pelo fruto da minha árvore, perguntou deus, dirigindo directamente a adão um olhar coruscante, palavra desusada mas expressiva como as que mais o fere. Desesperado, o pobre homem tentou, sem resultado, tragar o bocado de maçã que o delatava, mas a voz não lhe saiu, nem para trás nem para diante. Responde, tornou a voz colérica do senhor, ao mesmo tempo que brandia ameaçadoramente o ceptro. Fazendo das tripas coração, consciente do feio que era pôr as culpas em outrem, adão disse, A mulher que tu me deste para viver comigo é que me deu o fruto dessa árvore e eu comi. Revolveu-se o senhor contra a mulher e perguntou, Que fizeste tu desgraçada, e ela respondeu, A serpente enganou-me e eu comi, Falsa, mentirosa, não há serpentes no paraíso, Senhor, eu não disse que haja serpentes no paraíso, mas digo sim que tive um sonho em que me apareceu uma serpente, e ela disse-me, Com que então o senhor proibiu-vos de comerem do fruto de todas as árvores do jardim, e eu respondi que não era verdade, que só não podíamos comer do fruto da árvore que está no meio do paraíso e que morreríamos se tocássemos nele, As serpentes não falam quando muito silvam, disse o senhor, A do meu sonho falou, E que mais disse ela, pode-se saber perguntou o senhor, esforçando-se por imprimir às palavras um tom escarninho nada de acordo com a dignidade celestial da indumentária, A serpente disse que não teríamos que morrer, Ah, sim, a ironia do senhor era cada vez mais evidente, pelos vistos, essa serpente julga saber mais do que eu, Foi o que eu sonhei, senhor, que não querias que comêssemos do fruto porque abriríamos os olhos e ficaríamos a conhecer o mal e o bem como tu os conheces, senhor, E que fizeste, mulher perdida, mulher leviana

quando des pertaste de tão bonito sonho, Fui à árvore, comi do fruto e levei-o a adão, que comeu também, Ficou-me aqui, disse adão, tocando na garganta, Muito bem, disse o senhor, já que assim quiseram, assim o vão ter, a partir de agora acabou-se-lhes a boa vida, tu, eva, não só sofrerás todos os incómodos da gravidez, incluindo os enjoos, como parirás com dores, e não obstante sentirás atracção pelo teu homem, e ele mandará em ti, Pobre eva, comesas mal, triste destino vai ser o teu, disse eva. Devias tê-lo pensado antes, e quanto à tua pessoa, adão, a terra ficou amaldiçoada por tua causa, e se com grande sacrifício que dela conseguirás tirar alimento durante toda a tua vida, só produzirá espinhos e cardos, e tu terás de comer a erva que cresce no campo, só à custa de muitas bagas de suor conseguirás arranjar o necessário para comer, até que um dia te venhas a transformar de novo em terra, pois dela foste formado, na verdade, mísero adão, tu és pó e ao pó um dia tornarás. Dito isto, o senhor fez aparecer umas quantas peles de animais para tapar a nudez de adão e eva, os quais piscaram os olhos um ao outro em sinal de cumplicidade, pois desde o primeiro dia souberam que estavam nus e disseram disso bem se haviam aproveitado. Disse então o senhor, Tendo conhecido o bem e o mal, o homem tornou-se semelhante a um deus, agora só me faltaria que fosses colher também do fruto da árvore da vida para dele comeres e viveres para sempre, não faltaria mais, dois deuses num universo, por isso sou expulso a ti e a tua mulher deste jardim do éden, a cuja porta colocarei de guarda um querubim armado com uma espada de fogo, o qual não deixará entrar ninguém, e agora vão-se embora, saiam daqui, não vos quero ver nunca mais na minha frente. Carregando sobre os ombros as fedorentas peles bamboleando-se sobre as pernas trôpegas, adão e eva pareciam dois orangotangos que pela primeira vez se tivessem posto de pé. Fora do jardim do éden a terra era árida, inóspita, o senhor não tinha exagerado quando ameaçou adão com espinhos e cardos. Tal como também havia dito, acabara-se a boa vida.

A sua primeira morada foi uma estreita caverna, em verdade mais cavidade que caverna, de tecto baixo, descoberta num afloramento rochoso ao norte do jardim do éden quando, desesperados, vagueavam à procura de um abrigo. Ali puderam, finalmente, defender-se da queimação brutal de um sol que em nada se parecia com aquela invariável benignidade de temperatura a que estavam habituados, constante de noite e de dia, e em qualquer época do ano. Abandonaram as grossas peles que os sufocavam de calor e mau cheiro, e regressaram à primeira nudez, mas, para proteger as agressões exteriores as partes delicadas do corpo, as que andam só mais ou menos resguardadas entre as pernas, inventaram, utilizando as peles mais finas e de pêlo mais curto, aquilo a que mais tarde viria a chamar-se saia, idêntica na forma tanto para as mulheres como para os homens. Nos primeiros dias, sem terem ao menos uma côdea para mastigar, passaram fome. O jardim do éden era ubérrimo e os frutos, aliás não se encontrava lá outra coisa de proveito, até aqueles animais que, por natureza, deveriam alimentar-se de carne sangrenta, pois para carnívoros vieram ao mundo, haviam sido, por intervenção divina, submetidos à mesma melancólica e insatisfatória dieta. O que não se sabia era donde tinham vindo as peles que o senhor fizera aparecer com um simples estalar de dedos, como um prestidigitador. De animais eram, e grandes, mas vá lá saber-se quem os teria matado e esfolado, e onde. Casualmente, havia água por ali perto, porém não era mais que um regato turvo, em nada parecido com o rio caudaloso que nascia no jardim do éden e depois se dividia em quatro braços, um dos quais ia regar uma região onde se dizia que o ouro abundava e outro que rodeava a terra de cuche. Os dois restantes, por mais extraordinário que pareça aos leitores de hoje, foram logo baptizados com os nomes de tigre e eufrates. Perante o humilde riacho que laboriosamente ia abrindo caminho entre os espinhos e os cardos do deserto, o mais provável foi ter sido o tal rio caudaloso uma ilusão de óptica fabricada pelo próprio senhor para tornar mais aprazível a vida no paraíso terrenal. Tudo pode acontecer. Tudo pode acontecer, sim, até a insólita ideia de eva de ir pedir ao querubim que lhe permitisse entrar no jardim do éden e colher alguma fruta que lhes aguentasse a fome por uns dias mais. Céptico, como qualquer homem, quanto aos resultados de uma diligência nascida em cabeça feminina, adão disse-lhe que fosse ela sozinha e que se preparasse para sofrer uma decepção, Está ali aquele querubim de sentinela à porta com a sua espada de fogo, não é um anjo qualquer, de segunda ou terceira categoria, sem peso nem autoridade, mas um querubim dos autênticos, como quererás tu que ele vá desobedecer às ordens que o senhor lhe deu, esta foi a sensata pergunta, Não sei, e não vou saber enquanto não o intentar, E se não conseguires, Se não conseguir, não terei perdido mais que alguns passos para lá e para cá, e as palavras que lhe disser, respondeu ela, Pois sim, mas iremos tentar resolver os problemas se o querubim nos for denunciar ao senhor, Mais problemas que estes que temos agora, sem modo de ganhar a vida, sem comida para levar à boca, sem um tecto seguro nem roupas dignas deste nome, não vejo que problemas nos possam advir mais, o senhor já nos castigou expulsando-nos do jardim do éden, pior do que isto não imagino o que poderá ser, Sobre o que o senhor possa ou não possa, não sabemos nada, Se é assim, teremos de o forçar a explicar-se, e a primeira coisa que deve dizer-nos é a razão por que nos fez e com que fim, Estás louca, Melhor louca que medrosa, Não me faltes ao respeito, gritou adão, enfurecido, eu não tenho medo, não sou medroso, Eu também não

portanto estamos quites, não há mais que discutir, Sim, mas não te esqueças de que quem manda aqui sou eu, Sim, foi o que o senhor disse, concordou eva, e fez cara de quem não havia dito nada. Quando o sol perdeu alguma da força, meteu-se ao caminho com a sua saia bem posta e uma pele das mais leves por cima dos ombros. Ia, como alguém dirá, decentezinha, embora não pudesse evitar que os seios, soltos, sem amparo, se movessem ao ritmo dos passos. Não podia impedi-los, nem em tempo pensou, não havia por ali ninguém a quem eles pudessem atrair, nesse tempo as tetas serviam para mamar e pouco mais. Estava surpreendida consigo mesma, com a liberdade com que tinha respondido ao marido, sem temor, sem ter de escolher as palavras, dizendo simplesmente o que, na sua opinião, o caso justificava. Era como se dentro de si habitasse uma outra mulher, com nula dependência do senhor ou de um esposo por ele designado, uma fêmea que decidira, finalmente, fazer uso total da língua e da linguagem que o dito senhor, por assim dizer, lhe havia metido pela boca abaixo. Atravessou o riacho gozando a frescura da água que parecia difundir-se-lhe por dentro das veias ao mesmo tempo que experimentava algo no espírito que talvez fosse a felicidade, pelo menos parecia-lhe muito com a palavra. O estômago deu-lhe um estorcegão, não era hora para desfrutar de sentimentos positivos. Saiu da água, foi colher umas bagas ácidas que, ainda que não alimentassem, iludiam por algum tempo, pouco, a necessidade de comer. O jardim do éden já está perto, vêem-se distintamente as copas das árvores mais altas. Eva caminha mais lentamente que antes, e não é porque se sintia cansada. Adão, se aqui estivesse, de certeza se riria dela, Tão valente, tão valente, e afinal vais aí chegar de medo. Sim, tinha medo, medo de falhar, medo de não ter palavras suficientes para convencer o guarda, chegou mesmo a dizer em voz baixa, tal era o seu desânimo, Se eu fosse homem seria mais fácil. Aí está o querubim, a espada de fogo brilha com uma luz maligna na sua mão direita. Eva cobriu melhor o peito e avançou. Que queres, perguntou o anjo, Tenho fome, respondeu a mulher, Não há aqui nada que possas comer, Tenho fome, insistiu ela, Tu e o teu marido fostes expulsos do jardim do éden pelo senhor e a sentença não tem apelo, retira-te, Matas-me se eu quiser entrar, perguntou eva. Para isso me pôs o senhor de guarda, Não respondeste à minha pergunta, A ordem que tenho é essa, Matar-me, Sim, Portanto, obedecerás à ordem. O querubim não respondeu. Moveu o braço em curva e a mão a espada de fogo silvava como uma serpente. Foi a sua resposta. Eva deu um passo em frente. Detém-te, disse o querubim, Terás de matar-me, não me deterei, e deu outro passo, ficarás aqui a guardar um pomar de fruta apodrecida que a ninguém apetecerá, o pomar de deus, o pomar do senhor acrescentou. Que queres, perguntou outra vez o querubim, que pareceu não perceber que a reiteração iria ser interpretada como um sinal de fraqueza, Repito, tenho fome, Pensei que já estaríeis longe, aonde iríamos nós, perguntou eva, estamos no meio de um deserto que não conhecemos e onde não se vê um caminho, um deserto onde durante estes dias não passou uma alma viva, dormimos num buraco comemos ervas, como o senhor prometeu, e temos diarreias, Diarreias, que é isso, perguntou o querubim, Também se lhes pode chamar caganeiras, o vocabulário que o senhor nos ensinou dá para tudo, ter diarreia, ou caganeira, se gostares mais desta palavra, significa que não consegues reter a merda que levas dentro de ti, Não sei o que isso é, Vantagem de ser anjo, disse eva, e sorriu. O querubim gostou de ver aquele sorriso. No céu também se sorria muito, mas sempre seraficamente com uma ligeira expressão de contrariedade, como quem pede desculpa por estar contente, se àquilo se podia chamar contentamento. Eva tinha vencido a batalha dialéctica, agora só faltava a da comida. Disse o querubim, Vou trazer-te alguns frutos, mas tu não o digas a ninguém, A minha boca não se abrirá, em todo o caso o meu marido vai ter de saber, Volta com ele amanhã, temos que conversar. Eva retirou a pele de cima dos ombros e disse, Usa isto para trazeres a fruta. Estava nua da cintura

para cima. A espada silvou com mais força como se tivesse recebido um súbito afluxo de energia, mesma energia que levou o querubim a dar um passo em frente, a mesma que o fez erguer a mão esquerda e tocar no seio da mulher. Nada mais sucedeu, nada mais podia suceder, os anjos, enquanto sejam, estão proibidos de qualquer comércio carnal, só os anjos que caíram são livres de juntar-se quem queiram e a quem os queira. Eva sorriu, pôs a mão sobre a mão do querubim e premiu suavemente contra o seio. O seu corpo estava coberto de sujidade, as unhas negras como se as tivesse usado para cavar a terra, o cabelo como um ninho de enguias entrelaçadas, mas era uma mulher, única. O anjo havia entrado no jardim, demorou-se lá o tempo necessário para escolher os frutos mais nutrientes, outros ricos em água, e voltou ajoujado sob uma boa carga. Aqui tens, disse, e eva perguntou, Como te chamam, e ele respondeu, O meu nome é azael, Obrigada pela fruta, azael, Não podia deixar morrer de fome aqueles que o senhor criou, O senhor to agradecerá, mas o melhor é que não lhe fales disto. O querubim pareceu não ter ouvido, ou não ouviu mesmo, ocupado como estava a ajudar eva a pôr a recheada pele às costas, enquanto dizia, Amanhã voltas com adão, falaremos de algumas coisas que vos convém conhecer, Aqui estaremos, respondeu ela.

No dia seguinte, adão acompanhou a mulher ao jardim do éden. Por ideia dela lavaram-se o melhor que puderam no riacho e o melhor que puderam foi pouquíssimo, para não dizer nada, porque água sem sabão que lhe dê uma ajuda não passa de uma pobre ilusão de limpeza. Sentaram-se no chão logo ali se viu que o querubim azael não era pessoa para perder tempo, Não sois os únicos seres humanos que existem na terra, começou, Que não somos os únicos, exclamou adão, estupefacto, Não me faças repetir o que já está dito, Quem foi que criou esses seres, onde estão, Em toda a parte, Foi o senhor que os criou como nos criou a nós, perguntou eva, Não posso responder, e se insistem com pergunta a nossa conversação acaba agora mesmo, cada um ao que lhe competia, eu à guarda do jardim do éden, vós à vossa gruta e à vossa fome, Nesse caso, em pouco tempo morreremos, disse adão, a mim ninguém me ensinou a trabalhar, não posso cavar nem lavrar a terra porque me faltam a enxada e o arado, e se os tivesse seria preciso aprender a manejá-los e não haveria quem mo ensinasse neste deserto, afinal melhor estaríamos com o pó que éramos antes, sem vontade nem desejo, Falas como um livro aberto, disse o querubim, e adão ficou contente por ter falado como um livro aberto, ele que nunca havia feito estudos. Depois eva perguntou, Se já existiam outros seres humanos, para que foi então que nos criou o senhor, Já deveis saber que os desígnios do senhor são inescrutáveis, mas, se bem entendi alguma meia palavra, tratou-se de um experimento, Um experimento, não exclamou adão, um experimento, para quê, Do que não conheço de ciência certa não ousaria falar, o senhor lá terá as suas razões para guardar silêncio sobre o assunto, Nós não somos um assunto, somos duas pessoas que não sabem como poderão viver, disse eva, Ainda não terminei, disse o querubim. Fala então, e que da tua boca saia uma boa notícia, ao menos uma que seja, Ouçam, não demasiado afastado daqui passa um caminho frequentado de vez em quando por caravanas que vão aos mercados ou que deles regressam, a minha ideia é que deveriam acender uma fogueira que produzisse muito fumo, de modo a poder ser visto de longe, Não temos com que acendê-la, interrompeu eva, Tens, não tens, mas eu, sim, O quê, Esta espada de fogo, para alguma coisa servirá finalmente, basta chegar a lhe a ponta em brasa aos cardos secos e à palha e tereis aí uma fogueira capaz de ser vista desde a lua quanto mais de uma caravana que passa à distância, com o que deverão ter cuidado é em não deixar que o fogo alastre, uma coisa é uma fogueira, outra um deserto inteiro a arder, acabaria por pegar a jardim do éden, e eu ficaria sem emprego, E se as pessoas não aparecerem, perguntou eva, Não aparecem, aparecem, podes ficar tranquila, respondeu azael, os seres humanos são curiosos por natureza, esses irão querer saber quem ateou aquela fogueira e com que intenção o fez, E depois perguntou adão, Depois é convosco, aí já não posso nada, arranjem maneira de se juntarem à caravana

peçam que os contratem só pela comida, estou convencido de que quatro braços por um prato de lentilhas será bom negócio para todos, tanto para a parte contratante como para a parte contratada. Quando isso acontecer não se esqueçam de apagar a fogueira, assim saberei que já se foram, será a tua oportunidade de aprenderes o que não sabes, adão. O plano era excelente, há querubins no mundo que são uma autêntica providência, enquanto o senhor, pelo menos neste experimento, não se preocupou nada com o futuro das suas criaturas, azael, o guarda angélico encarregado de as manter afastadas do jardim do éden, acolheu-as cristãmente, garantiu-lhes a comida e, sobretudo, habilitou-as para a vida com algumas preciosas ideias práticas, um verdadeiro caminho de salvação do corpo, e portanto da alma. O casal desfez-se em mostras de gratidão, eva chegou mesmo a derramar algumas lágrimas quando se abraçou a azael, demonstração afectiva nada do agrado do marido, que mais adiante não conseguiu reprimir a pergunta que andava a saltar-lhe na boca, Deste-lhe alguma coisa em troca, quem a quem, isto disse eva, sabendo muito bem a que se referia o esposo, A quem havia de ser, ele, a azael, disse adão omitindo por cautela a primeira parte da questão, É um querubim, um anjo respondeu eva, e mais não achou necessário dizer. Crê-se que foi neste dia que começou a guerra dos sexos. A caravana tardou três semanas a aparecer. Claro que não veio toda ela à caverna em que adão e eva viviam, só uma guarda avançada de três homens que não tinham autoridade para negociar contratos de trabalho, mas que se apiedaram daqueles desvalidos e lhes deram lugar nos lombos dos burros em que vinham montados. O chefe da caravana decidiria que fazer com eles. Apesar da dúvida, como quem fecha uma porta à despedida, adão apagou a fogueira. Quando o último fumo dissipou na atmosfera, o querubim disse, Já lá vão, boa viagem.

A vida não lhes correu mal. Foram aceites na caravana apesar da sua evidente inabilidade laboral e não tiveram de dar demasiadas explicações sobre quem eram e de onde tinham vindo. Que se tinham perdido, disseram, e, em última instância, realmente assim era. Tirando o facto de serem filhos do senhor, obra directamente saída das suas divinas mãos, circunstância esta que ninguém ali estava em condições de conhecer, não se notavam especiais diferenças fisionómicas entre eles e os seus providenciais hospedeiros, dir-se-ia até que pertenciam todos à mesma raça, cabelos pretos, pele morena, olhos escuros, sobrancelhas acentuadas. Quando Abel nasceu, todos os vizinhos irão estranhar a rosada brancura com que veio ao mundo, como se fosse filho de um anjo, ou de um arcanjo, ou de um querubim, salvo seja. O prato de lentilhas nunca faltou e não tardou muito para que Adão e Eva começassem a cobrar uma soldada, coisa pequena, quase simbólica, mas que já representava um começo de vida. Não só Adão, mas também Eva, que não nascera para duquesa, foram sendo iniciados a pouco e pouco nos mistérios do trabalho das mãos, em operações tão simples como a de fazer um maldito corredo numa corda ou tão complexas como manejar uma agulha sem picar demasiado os dedos. Quando a caravana chegou à povoação donde havia saído semanas antes para fazer comércio, emprestaram-lhes uma tenda e umas esteiras onde dormissem, e foi graças a essa e outras temporadas de estabilidade de vida que Adão pôde, enfim, aprender a cavar e a lavrar a terra, a lançar sementes a rego, até chegar à sublime arte da poda, essa que nenhum senhor, nenhum deus havia sido capaz de inventar. Começou por trabalhar com ferramentas que lhe emprestavam, depois foi juntando os seus próprios aprestos e ao cabo de uns poucos anos já era considerado pelos vizinhos como um bom agricultor. Os tempos do jardim do éden e da caverna no deserto, os espinhos e os cardos, o riacho de águas turvas, foram-se esfumando na memória até aparecerem algumas vezes como gratuitos inventos não vividos, nem sequer sonhados, mas intuídos como algo que teria sido outra vida, outro ser, outro diferente destino. É certo que nas recordações de Eva havia um lugar reservado para Azael, o querubim que tinha infringido as ordens do senhor para salvar de morte certa as suas obras, mas esse era um segredo seu, a ninguém confiado. E houve o dia em que Adão pôde comprar um pedaço de terra para chamar-lhe sua e levantar, encostada a uma colina, uma casa de toscos adobes, aí onde já poderia nascer os seus três filhos, Caím, Abel e Set, todos eles, no momento próprio das suas vidas, gatinhando entre a cozinha e o salão. E também entre a cozinha e o campo, porque os dois mais velhos, quando crescidos, com a ingénua astúcia da sua pouca idade, usavam de todos os pretextos válidos e mentirosos válidos para que o pai os levasse consigo, montados no burro da família, para o seu local de trabalho. Cedo se viu que as vocações dos dois pequenos não coincidiam. Enquanto Abel preferia a companhia das ovelhas e dos cordeiros, as alegrias de Caím iam todas para as enxadas, as forquilhas e as gadanhas, um, fadado para abrir caminho na pecuária, outro, para singrar na agricultura. Há quem reconheça que a distribuição da mão-de-obra doméstica era absolutamente satisfatória, uma vez que cobria por inteiro os dois mais importantes sectores da economia da época. Era voz unânime, entre os vizinhos, que aquela família tinha futuro. E ia tê-lo, como em pouco tempo se haveria de ver, com a sempre indispensável ajuda do senhor, que para isso está. Desde a mais tenra infância Caím e Abel haviam sido os melhores amigos, a um ponto tal que nem irmãos pareciam, aonde ia um, o outro

também, e tudo faziam de comum acordo. O senhor os quis, o senhor os juntou, assim diziam na aldeia as mães ciumentas, e parecia certo. Até que um dia o futuro entendeu que já era hora de se apresentar. Abel tinha o seu gado, caim o seu agro, e, como mandavam a tradição e a obrigação religiosa, ofereceram ao senhor as primícias do seu trabalho, queimando abel a delicada carne de um cordeiro e caim os produtos da terra, umas quantas espigas e sementes. Sucedeu então algo até hoje inexplicado. O fumo da carne oferecida por abel subiu a direito até desaparecer no espaço infinito, sinal de que o senhor aceitava o sacrifício e nele se comprazia, mas o fumo dos vegetais de caim cultivados com um amor pelo menos igual, não foi longe, dispersou-se logo ali, a pouca altura do solo, o que significava que o senhor o rejeitava sem qualquer contemplação. Inquieto, perplexo, caim propôs a abel que trocassem de lugar, podia ser que houvesse ali uma corrente de ar que fosse a causa do distúrbio, e assim fizeram, mas o resultado foi o mesmo. Estava claro, o senhor desdenhava caim. Foi então que o verdadeiro carácter de abel veio ao de cima. Em lugar de se compadecer do desgosto do irmão e consolá-lo, escarneceu dele, e, como se isto ainda fosse pouco, desatou a enaltecer a sua própria pessoa, proclamando-se, perante o atónito e desconcertado caim, como um favorito do senhor, como um eleito de deus. O infeliz caim não teve outro remédio que engolir a afronta e voltar ao trabalho. A cena repetiu-se, invariável, durante uma semana, sempre um fumo que subia, sempre um fumo que podia tocar-se com a mão e logo se desfazia no ar. E sempre a falta de piedade de abel, o desdichotes de abel, o desprezo de abel. Um dia caim pediu ao irmão que o acompanhasse a um vale próximo onde era voz corrente que se acoitava uma raposa e ali, com as suas próprias mãos, o matou com golpes de uma queixada de jumento que havia escondido antes num silvado, portanto com aleivo e premeditação. Foi nesse exacto momento, isto é, atrasada em relação aos acontecimentos, que a voz do senhor soou, e não só soou ela como apareceu ele. Tanto tempo sem dar notícias, e agora aqui estava, vestido como quando expulsou do jardim do éden os infelizes pais destes dois. Tem na cabeça a coroa tripla, a mão direita empunha o ceptro, um balandrau de rico tecido cobre-o da cabeça aos pés. Que fizeste com o teu irmão, perguntou, e caim respondeu com outra pergunta, Era eu o guarda-costas de meu irmão, Mataste-o, Assim é, mas o primeiro culpado és tu, eu daria a vida pela vida dele se não tivesses destruído a minha, Quis pôr-te à prova, E tu quem és para pores à prova o que tu mesmo criaste, Sou o dono soberano de todas as coisas, E de todos os seres, dirás, mas não de mim nem da minha liberdade, Liberdade para matar, Como tu foste livre para deixar que eu matasse a abel quando estava na tua mão evitá-lo, bastaria que por um momento abandonasses a soberba da infalibilidade que partilhas com todos os outros deuses, bastaria que por um momento fosses realmente misericordioso, que aceitasses a minha oferenda com humildade, só porque não deverias atrever-te a recusá-la, ó deuses, e tu como todos os outros, têm deveres para com aqueles a quem dizem ter criado, Esse discurso é sedicioso, É possível que o seja, mas garanto-te que, se eu fosse deus, todos os dias diria: Abençoados sejam os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra, Sacrilégio, Serão mortos, mas em todo o caso nunca maior que o teu, que permitiste que abel morresse, Tu é que o mataste, Sim, é verdade, eu fui o braço executor, mas a sentença foi ditada por ti, O sangue que aí está não o fiz verter eu, caim podia ter escolhido entre o mal e o bem, se escolheu o mal pagará por isso, Tão ladrão é o que vai à vinha como aquele que fica a vigiar o guarda, disse caim, E esse sangue reclama vingança, insistiu deus, Se é assim, vingar-te-ás ao mesmo tempo de uma morte real e de outra que não chegou a haver, Explica-te, Não gostarás do que vais ouvir, Que isso não te importe, fala, simples, matei abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto, Compreendo o que queres dizer, mas a morte está vedada aos deuses, Sim, embora devessem carregar com todos os

crimes cometidos em seu nome ou por sua causa, Deus está inocente, tudo seria igual se não existisse. Mas eu, porque matei, poderei ser morto por qualquer pessoa que me encontre, Não será assim, farão um acordo contigo, Um acordo com o réprobo, perguntou caim, mal acreditando no que acabara de ouvir, Diremos que é um acordo de responsabilidade partilhada pela morte de Abel, Reconheces então a tua parte de culpa, Reconheço, mas não o digas a ninguém, será um segredo entre Deus e caim, Não é certo, devo estar a sonhar, Com os deuses isso acontece muitas vezes, Por serem, como se dizem, inescrutáveis os vossos desígnios, perguntou caim, Essas palavras não as disse nenhum Deus que eu conheça, nunca nos passaria pela cabeça dizer que os nossos desígnios são inescrutáveis, isso foi coisa inventada por homens que presumem de ser tu cá, tu lá com a divindade, Então não serei castigado pelo meu crime, perguntou caim, A minha porção de culpa não absolve a tua, terás o teu castigo, Quando Andarás errante e perdido pelo mundo, Sendo assim, qualquer pessoa me poderá matar, Não, porque porei um sinal na tua testa, ninguém te fará mal, mas, em pago da minha benevolência, procura tu não fazer mal a ninguém, disse o Senhor, tocando com o dedo indicador a testa de caim, onde apareceu uma pequena mancha negra, Este é o sinal da tua condenação, acrescentou o Senhor, mas é também o sinal de que estarás toda a vida sob a minha protecção e sob a minha censura, vigiar-te-ei onde quer que estejas, Aceito, disse caim, Não terias outro remédio, Quando principia o meu castigo, Agora mesmo, Poderei despedir-me dos meus pais, perguntou caim, Isso é contigo, em assuntos de família não me meto, mas com certeza vão querer saber onde está Abel, e suponho que não lhes irás dizer que o mataste, Não, Não, quê, Não me despedirei dos meus pais, Então, parte. Não havia mais nada a dizer. O Senhor desapareceu antes que caim tivesse dado o primeiro passo. A cara de Abel estava coberta de moscas, havia moscas nos seus olhos abertos, moscas na comissura dos lábios, moscas nas feridas que tinha sofrido nas mãos quando as levantara para proteger-se dos golpes. Pobre Abel, a quem Deus tinha enganado. O Senhor havia feito uma péssima escolha para a inauguração do jardim do Éden, no jogo de roleta posto a correr todos tinham perdido, no tiro ao alvo de cegos ninguém havia acertado. A evasão ainda restava a possibilidade de gerarem um filho para compensar a perda do assassinado, mas bem triste há-de ser a gente sem outra finalidade na vida que a de fazer filhos sem saber porquê nem para quê. Para continuar a espécie, dizem aqueles que crêem num objectivo final, numa razão última, embora não tenham nenhuma ideia sobre quais sejam e que nunca se perguntaram em nome de quem terá a espécie de continuar como se fosse ela a única e derradeira esperança do universo. Ao matar Abel por não poder matar o Senhor, caim deu já a sua resposta. Não se augure nada bom da vida futura deste homem.

E, contudo, esse homem acochado que aí vai, perseguido pelos seus próprios passos, esse maldito esse fraticida, teve bons princípios como poucos. Que o diga sua mãe que tantas vezes o encontrou, sentado no chão húmido do horto, a olhar para uma pequena árvore recém-plantada, espera de vê-la crescer. Tinha quatro ou cinco anos e queria ver crescer as árvores. Então, ela, pelos vistos ainda mais imaginosa que o filho, explicou-lhe que as árvores são muito tímidas, só crescem quando não estamos a olhar para elas, É que lhes dá vergonha, disse-lhe um dia. Por alguns instantes caim permaneceu calado, a pensar, mas logo respondeu, Então não olhes, mãe, de mim não têm vergonha, estão habituadas. Prevendo já o que viria depois, a mãe apartou o olhar e imediatamente em voz do filho soou triunfal, Agora mesmo cresceu, agora mesmo cresceu, eu bem te tinha dito que não olhasses. Nessa noite, quando adão voltou do trabalho, e, rindo, contou-lhe o que se tinha passado, o marido respondeu, Esse rapaz vai longe. Talvez fosse, sim, se o senhor não se tivesse atravessado no seu caminho. Ainda assim, longe bastante já ele ia, embora não no sentido que o pai lhe havia vaticinado. Arrastando os pés de cansaço, avançava por um descampado sem um arruinado casebre à vista ou outro sinal de vida, uma solidão desgarradora que o céu raso aumentava ainda mais pela ameaça de uma chuvada iminente. Não teria onde recolher-se, a não ser debaixo de alguma árvore entre as poucas que, lentamente, à medida que caminhava, iam assomando a copa acima do horizonte próximo. As ramagens, em geral escassamente povoadas de folhas, não garantiam protecção digna desse nome. Foi então, ao caírem as primeiras gotas, que caim deu por que tinha a túnica suja de sangue. Pensou que talvez a mancha desaparecesse com a chuva, mas logo percebeu que não, melhor seria disfarçá-la com terra, ninguém seria capaz de suspeitar o que estaria debaixo, tanto mais que a gente com túnicas sujas, enodoadas, era o que menos faltava por estes sítios. Começou a chover com força, em pouco tempo a túnica ficou empapada, da mancha de sangue não se percebia o menor vestígio, além disso sempre poderia dizer, se fosse perguntado, que se tratava de sangue de cordeiro. Sim, disse caim em voz alta, mas Abel não era nenhum cordeiro, era o meu irmão, e eu matei-o. Nesse momento não se lembrou de que havia dito ao senhor que ambos eram culpados do crime, mas a memória não tardou a ajudá-lo, por isso acrescentou, Se o senhor, que, segundo se diz, tudo sabe e tudo pode, tivesse feito sumir dali a queixada de burro, eu não teria matado Abel, e agora podíamos estar os dois à porta da casa a ver a chuva cair, e Abel reconheceria que realmente o senhor havia feito mal em não aceitar o único que eu tinha para lhe oferecer, as sementes e as espigas nascidas do meu suor e do meu suor, e ele ainda estaria vivo e nós seríamos tão amigos como sempre o tínhamos sido. Chorar o leite derramado não é tão inútil quanto se diz, é de alguma maneira instrutivo porque não mostra a verdadeira dimensão da frivolidade de certos procedimentos humanos, porquanto se o leite não derramou, derramado está e só há que limpá-lo, e se Abel foi morto de morte malvada é porque alguém lhe tirou a vida. Reflectir enquanto a chuva nos vem caindo em cima não é certamente a coisa mais confortável do mundo, e foi talvez por isso que de um momento para o outro deixou de chover, para que caim pudesse pensar à vontade, seguir livremente o curso do seu pensamento até ver aonde ele o levaria. Não o chegaremos a saber nunca, nem nós, nem ele, o súbito aparecimento, como se saísse do nada, do que restava de um casebre distraiu-o das suas cogitações e dos seus pesares. Havia sinais de

cultivo da terra na parte de trás da casa, mas era evidente que os habitantes a tinham abandonado há muito tempo, em todo o caso talvez não tanto se tivermos em conta a fragilidade intrínseca, a precária coesão dos materiais destas humildes moradas, que necessitam constantes reparações para não irem abaixo em uma só estação. Se lhes falta uma mão cuidadosa, a casa dificilmente suportará a acção corrosiva das intempéries, em particular a chuva que empapa os adobes e o vento que a vai raspando como se estivesse forrado de lixa grossa. Algumas das paredes interiores haviam caído, o tecto desabara na sua maior parte, apenas sobrevivia um recanto relativamente protegido onde o exausto caminhante se deixou cair. Mal se podia ter nas pernas, não só pelo muito que tinha andado, mas também porque a fome começava a apertá-lo. O dia estava quase a chegar ao fim, em pouco tempo seria noite. Vou ficar aqui, disse caim em voz alta, conforme era seu costume, como se precisasse de tranquilizar-se a si mesmo, ele a quem ninguém ameaça neste momento, provavelmente nem o próprio senhor sabe onde ele se encontra. Apesar de o tempo não estar demasiado frio, a túnica molhada, pegada à pele, causava-lhe arripios. Pensou que despindo-a mataria dois coelhos de uma cajadada, primeiro porque se acabariam os frios, e também porque a túnica, sendo feita de pano mais fino que grosso, em pouco tempo secaria. Assim fez e imediatamente se sentiu melhor. É verdade que não lhe pareceu bem ver-se nu como tinha vindo ao mundo, mas estava sozinho, sem testemunhas e sem ninguém que lhe pudesse tocar. Este pensamento provocou nele um novo arripio, não o mesmo que não aquele que havia resultado directamente do contacto da túnica molhada, mas uma espécie de estremecimento na região do sexo, um ligeiro entumescimento que não tardou a desaparecer, como se tivesse envergonhado de si mesmo. Caim sabia o que aquilo era, mas, apesar da sua juventude, não lhe prestava grande atenção ou simplesmente tinha medo de que dali lhe viesse mais mal que bem. Enroscou-se no seu canto, juntando os joelhos com o peito, e assim adormeceu. O frio da madrugada fê-lo acordar. Estendeu a mão para apalpar a túnica, sentiu que ainda havia nela um resto de humidade, mas, apesar disso, decidiu-se a vesti-la, acabaria de secar no corpo. Não teve sonhos nem pesadelos, dormiu como se supõe que deverá dormir uma pedra, sem consciência, sem responsabilidade, sem culpa, porém, ao acordar, à primeira luz da manhã, as suas palavras foram: Matei o meu irmão. Se os tempos fossem outros, talvez tivesse chorado, talvez se tivesse desesperado, talvez tivesse dado punhadas no peito e na cabeça, mas sendo as coisas o que são, praticamente o mundo só agora foi inaugurado, faltam-nos ainda muitas palavras para que comecemos a tentar dizer quem somos e nem sempre daremos com as que melhor o expliquem, contentou-se com repetir as que havia dito até que deixaram de significar e não foram mais que uma série de sons inconexos, um balbuceio sem sentido. Foi então que percebeu que afinal havia sonhado, não um sonho precisamente, mas uma imagem, a sua, regressando a casa e encontrando o irmão no vão da porta, à sua espera. Assim o recordará durante toda a vida como se tivesse feito as pazes com o seu crime e não houvesse mais remorso que sofrer.

Saiu da barraca e aspirou profundamente o ar frio. O sol ainda não havia nascido, mas o céu já iluminava de delicados tons coloridos, o suficiente para que a árida e monótona paisagem que tinha diante dos olhos, a esta primeira luz da manhã, aparecesse transfigurada, uma espécie de jardim éden sem proibições. Caim não tinha qualquer motivo para orientar os seus passos numa direcção precisa, mas instintivamente buscou os sinais que deixara antes de se ter desviado para o casebre e que passara a noite. Era simples, afinal bastaria caminhar ao encontro do sol, para aquele lado, onde ele não tardaria a levantar-se. Aparentemente apaziguado pelas horas de sono, o estômago moderara as contracções, e seria bom que se mantivesse nessa disposição porque a esperança de comida próxima não havia nenhuma, e se é certo que de vez em quando aparecia uma ou outra figueira, frutos não tinham

que não era tempo deles. Com um resto de energia que não imaginava possuir ainda, reiniciou caminhada. O sol apareceu, hoje não choverá, é mesmo possível que venha a fazer calor. Ao cabo de não muito tempo, começou a sentir-se outra vez cansado. Tinha de encontrar algo de comer, ou então acabaria prostrado neste deserto, em poucos dias reduzido à ossamenta, que disso se encarregariam as aves carnívoras ou alguma matilha de cães asselvajados que até agora ainda não se tinha manifestado. Estava porém escrito que a vida de caim não se acabaria aqui, sobretudo porque não teria valido a pena que o senhor tivesse perdido tanto tempo a amaldiçoá-lo se era para vir morrer neste páramo. O aviso veio de baixo, dos fatigados pés que haviam tardado a perceber que o chão que pisavam era já outro, despido de vegetação, sem ervas ou cardos que embaraçassem o andar, enfim para tudo deixar dito em poucas palavras, caim, sem saber como nem quando, tinha achado um caminho. Alegrou-se o pobre errante, pois é norma conhecida que uma via de trânsito, estrada, vereda ou carreiro, acabará por conduzir, mais cedo ou mais tarde, perto ou longe, a um lugar povoado onde talvez seja possível encontrar trabalho, tecto e um naco de pão que mate esta fome. Animado pelo súbito descobrimento, fazendo, como é costume dizer-se, das tripas coração, buscou forças onde já não havia e acelerou o passo, sempre à espera de ver aparecer uma casa com sinais de vida, um homem montado num burro ou uma mulher com um cântaro à cabeça. Ainda teve de andar muito. Um velho que finalmente lhe apareceu pela frente ia a pé e levava duas ovelhas atadas por um baração. Caim saudou-o com as palavras mais cordiais do seu vocabulário, mas o homem não retribuiu, Quem marca é essa que tens na testa, perguntou. Apanhado de surpresa, caim perguntou por sua vez, Quem marca, Essa, disse o homem, levando a mão à sua própria testa, É um sinal de nascença, respondeu caim, Não deves ser boa gente, Quem to disse, como o sabes, respondeu caim imprudentemente, Como diz o refrão antigo, o diabo que te assinalou, algum defeito te encontrou, Não sou melhor nem pior que os demais, procuro trabalho, disse caim tratando de levar a conversa ao terreno que lhe convinha. Trabalho é o que por aqui não falta, que sabes tu fazer, perguntou o velho, Sou agricultor, Já temo poucos agricultores em quantidade suficiente, por esse lado não irás conseguir nada, além disso vens sozinho sem família, Perdi a minha, Perdeste-a como, Perdi-a simplesmente, e não há mais que contar, Sendo assim, deixo-te, não gosto da tua cara nem desse sinal que tens na testa. Já se afastava, mas caim ainda o reteve, Não vás, diz-me ao menos como chamam a estes sítios, Chamam-lhes terra de nod, E não quero que quer dizer, Significa terra da fuga ou terra dos errantes, diz-me tu, já que aqui chegaste, de quem andas fugido e porquê és um errante, Não conto a minha vida ao primeiro que encontre no caminho com duas ovelhas atadas por um baração, além disso não te conheço, não te devo respeito e não tenho por que responder às tuas perguntas, Voltaremos a ver-nos, Quem sabe, talvez não encontre trabalho aqui e tenha de buscar outro destino, Se és capaz de moldear um adobe e levantar uma parede, este é teu destino, Aonde devo ir, perguntou caim, Segue por esta rua a direito, ao fundo há uma praça, terás a resposta, Adeus, velho, Adeus, oxalá não chegues tu a sê-lo, Por baixo das palavras que dizia percebo que há outras que calas, Sim, por exemplo, essa tua marca não é de nascença, não a fizeste a teu próprio, nada do que disseste aqui é verdadeiro, Pode ser que a minha verdade seja para ti mentira, Pode ser, sim, a dúvida é o privilégio de quem viveu muito, será por isso que não conseguiste convencer-me a aceitar como certas o que para mim mais se parece a falsidades, Quem és tu, perguntou caim, Cuidado, rapaz, se me perguntas quem sou estarás a reconhecer o meu direito de querer saber quem és, Nada me obrigará a dizê-lo, Vais entrar nesta cidade, vais ficar aqui, mais cedo ou mais tarde tudo se saberá, Só quando tenha de ser e não por mim, Diz-me, ao menos, como te chamas, Abel é o meu nome, disse caim.

Enquanto o falso abel vai andando em direcção à praça onde, no dizer do velho, se encontrará com o seu destino, atendamos à pertinentíssima observação de alguns leitores vigilantes, dos sempre atentos que consideram que o diálogo que acabámos de registar como acontecido não seria historicamente nem culturalmente possível, que um lavrador de poucas e já nenhunas terras, e um velho de quem não

se conhecem ofício nem benefício, nunca poderiam pensar e falar assim. Têm razão esses leitores, porém, a questão não estará tanto em dispor ou não dispor de ideias e vocabulário suficiente para expressar, mas sim na nossa própria capacidade de admitir, que mais não seja por simples empatia humana e generosidade intelectual, que um camponês das primeiras eras do mundo e um velho com duas ovelhas atadas a um baraço, apenas com o seu limitado saber e uma linguagem que ainda estava a dar os primeiros passos, fossem impelidos pela necessidade a provar maneiras de expressão, premonições e intuições aparentemente fora do seu alcance. Que eles não dissessem aquelas palavras, mais do que óbvio, mas as dúvidas, as suspeitas, as perplexidades, os avanços e recuos de argumentação, estiveram lá. O que fizemos foi simplesmente passar ao português corrente o duplo para nós irresolúvel mistério da linguagem e do pensamento daquele tempo. Se o resultado é coerente agora, também o seria na altura porque, ao final, almocreves somos e pela estrada andamos. Todo tanto os sábios como os ignorantes.

Aí está a praça. Em verdade, ter chamado a isto uma cidade foi um exagero. Umhas quantas casinhas térreas mal alinhadas, umas quantas crianças brincando não se sabe a quê, uns adultos que se movem como sonâmbulos, uns burros que parecem ir aonde querem e não aonde os conduzem, qualque cidade que se preze desse nome nunca se reconhecerá na cena primitiva que temos diante dos olhos. Faltam aqui os automóveis e os autocarros, os sinais de tráfego, os semáforos, as passagens subterrâneas, os anúncios nas frontarias ou nos telhados das casas, numa palavra, a modernidade, a vida moderna. Enfim, tudo se andará, o progresso, tal como virá a reconhecer-se mais tarde, inevitável, fatal como a morte. E a vida. Ao fundo vê-se um edifício em construção, uma espécie de palácio rústico de dois pisos, nada que se pareça a maifra, a versalhes ou a buckingham, em que se afadigam dezenas de pedreiros e ajudas, estes carregando adobes às costas, aqueles assentando-os e alinhando as fiavras regulares. Caim nada entende de trabalhos de alta ou baixa alvenaria, mas, se o seu destino está esperando aqui, por muito amargo que possa vir a ser, e isso sempre se sabe quando já é demasiado tarde para mudar, não lhe resta outro remédio senão enfrentá-lo. Como um homem disfarçando o melhor que podia a ansiedade e a fome que lhe faziam tremer as pernas, avançou para o estaleiro. Se por natural desconhecimento os operários o confundiram com um daqueles ociosos que em todas as épocas da humanidade se detiveram para ver trabalhar os outros, logo perceberam que quem ali estava era mais uma vítima da crise, um triste desempregado à busca de uma tábuia de salvação. Quase sem que caim tivesse necessidade de dizer ao que ia, apontaram-lhe o olheiro que vigiava o grupo, Fala com ele, disseram. Caim foi, subiu ao poiso do observador e, depois de umas saudações usuais, disse que andava à procura de trabalho. O olheiro perguntou, Que sabes tu fazer, caim respondeu, Desta arte, nada, sou lavrador, mas imagino que mais dois braços alguma serventia poderão ter. Dois braços, não, uma vez que não sabes nada do ofício de alvenel, mas dois pés, talvez. Dois pés, estranhou caim, sem compreender, Sim, dois pés, para pisar o barro, Ah, Espera aqui, vou falar com o capataz. Retirava-se já, mas ainda voltou a cabeça para perguntar, Como te chamas, Abe respondeu caim. O olheiro não se demorou muito, Podes começar a trabalhar já, eu levo-te à pisa o barro, Quanto vou ganhar, pergun tou caim, Os pisadores ganham todos por igual, Sim, mas quanto irei eu ganhar, Isso não é da minha conta, em todo o caso, se queres um bom conselho, não perguntes já, não está bem visto, primeiro terás de mostrar o que vales, e ainda te digo mais, não deverias perguntar nada, espera que te paguem, Se pensas que é o melhor, assim farei, mas não me parece justo. Aqui não convém ser impaciente, De quem é a cidade, como se chama, perguntou caim, Como se chama quem, a cidade ou o senhor dela, Ambos, A cidade, por assim dizer, ainda não tem nome, uns chamam-lhe de uma forma, outros de outra, de toda a maneira estes sítios são conhecidos por terra e por nod, Já o sabia, disse-mo um velho que encontrei ao chegar, Um velho com duas ovelhas atadas por um baraço, perguntou o olheiro, Sim, Aparece por aí às vezes, mas não vive cá, E o senhor daqui, quem, O senhor é senhora e o seu nome é lilith, Não tem marido, perguntou caim, Creio ter ouvido

dizer que se chama noah, mas ela é quem governa o rebanho, disse o olheiro, e imediatamente anunciou, ~~Aqui está a pisa do barro. Um grupo de homens com a túnica arregaçada com um nó acima do joelho dava voltas na grossa camada de uma mistura de barro, palha e areia, calcando-a com determinação de modo a tornar a massa tão homogênea quanto fosse possível na falta de meios mecânicos. Não era um trabalho que exigisse muita ciência, apenas boas e sólidas pernas e, podendo ser, um estômago confortado, o que, como sabemos, não era o caso de caim. Disse o olheiro, Pode entrar, só tens de fazer o que fazem os outros, Há três dias que não como, tenho medo de que se me quebrem as forças e caia aí no meio do barro, disse caim, Vem comigo, Não tenho com que pagar. Pagas depois, vem. Foram os dois a uma espécie de quiosque que havia a um lado da praça e onde vendia comida. Para não sobrecarregar o relato com pormenores históricos dispensáveis passaram sem exame a modesta ementa, cujos ingredientes, aliás, pelo menos em alguns casos, não saberíamos identificar. Os alimentos tinham ar de bem apaladados e caim comia que dava gosto vê-lo. Então o olheiro perguntou, Que sinal é esse que tens na testa, não parece natural, Pode ser que não pareça, mas já nasci com ele, Dá a impressão de que alguém te marcou, O velho das duas ovelhas também disse o mesmo, mas estava enganado, tal como tu estás, Se tu o dizes, Digo-o e repeti-lo-ei quantas vezes forem necessárias, mas preferiria que me deixassem em paz, se eu fosse coxo em vez de ter este sinal, suponho que não mo fariam notar constantemente, Tens razão, não tornarei a importunar-te, Não me importunas nada, tanto mais que tenho de agradecer-te a grande ajuda que me estás a dar, o empregado desta comida que veio pôr-me a alma no seu lugar, e talvez ainda alguma coisa mais, Que coisa, Não tenho onde dormir, Isso resolve-se facilmente, arranjo-te uma esteira, há aí uma hospedaria, falar com o dono, Não há dúvida de que és um bom samaritano, disse caim, Samaritano, perguntou o olheiro intrigado, isso que vem a ser, Não sei, saiu-me de repente, sem pensar, nem sei o que significam. Tens mais coisas na cabeça do que a tua aparência promete, Esta túnica imunda, Cedo-te uma das minhas, a essa passarás a usá-la para trabalhar, Pelo pouco que conheço deste mundo não deve haver muitos homens bons, foi uma sorte para mim encontrar aqui um deles, Acabaste, perguntou o olheiro num tom algo seco, como se o aborrecessem os louvores, Não posso mais, não me lembro de alguma vez na vida ter comido tanto, Agora, a trabalhar. Regressaram ao palácio, desta vez pela parte edificada anterior à ampliação em curso, e aí viram num balcão uma mulher vestida com tudo o que devia ser o luxo do tempo e essa mulher, que à distância já parecera belíssima, olhava-os com uma absorção, como se não desse por eles, Quem é, perguntou caim, É lilit, a dona do palácio e da cidade, oxalá não ponha os olhos em ti, oxalá, Porquê, Contam-se coisas, Que coisas, Diz-se que é bruxa capaz de endoidecer um homem com os seus feitiços, Que feitiços, perguntou caim, Não sei, não quero saber, não sou curioso, a mim basta-me ter visto por aí dois ou três homens que tiveram comércio carnal com ela, E quê, Uns infelizes que davam lástima, espectros, sombras do que havia sido, Deves estar louco se imaginas um pisador de barro a dormir com a rainha da cidade, Quer dizer a dona, Rainha ou dona, tanto faz, Vê-se que não conheces as mulheres, são capazes de tudo, o melhor e do pior se lhes dá para isso, são muito senhoras de desprezar uma coroa em troca de irem lavar ao rio a túnica do amante ou atropelarem tudo e todos para chegar a sentar-se num trono, Falando por experiência, perguntou caim, Observo, nada mais, para isso é que sou olheiro, No entanto, alguma experiência terás, Sim, alguma, mas sou um pássaro de asas curtas, desses que voam baixo, Pois eu não nem sequer alcei voo uma vez que fosse, Não conheces mulher, perguntou o olheiro, Não, Estás muito a tempo, ainda és novo. Tinham na sua frente a pisa do barro. Esperaram que os homens, mais ou menos alinhados desde o centro para a periferia e que de vez em quando trocavam de sítio, os que estavam dentro para fora, os de fora para dentro, acabassem de dar a volta e chegassem à sua altura. Então o olheiro disse, tocando-o num ombro, Entra.~~

Como tudo, as palavras têm os seus quês, os seus comos e os seus porquês. Algumas, solene e grandemente interpelam-nos com ar pomposo, dando-se importância, como se estivessem destinadas a grand

coisas, e, vai-se ver, não eram mais que uma brisa leve que não conseguiria mover uma vela o moinho, outras, das comuns, das habituais, das de todos os dias, viriam a ter, afinal, consequência que ninguém se atreveria a prever, não tinham nascido para isso, e contudo abalaram o mundo. O olheiro disse, Entra, e foi como se dissesse, Vai pisar barro, vai ganhar o teu pão, mas essa palavra foi exactamente a mesma que lilith, semanas mais tarde, virá a pronunciar, letra por letra, quando mandou chamar o homem de quem lhe haviam dito que se chamava abel, Entra. Em mulher com fama e despachada em procurar satisfação para os seus desejos, pode parecer estranho que tivesse levado semanas a abrir a porta do seu quarto, mas até isso tem explicação, como mais adiante se verá. Durante esse tempo, caim não poderia imaginar que ideias estava alimentando aquela mulher quando ao princípio acompanhada por um séquito de guardas, escravas e outros servidores, começou a aparecer na pisa do barro. Seria como aqueles proprietários rurais bem-dispostos que se vão interessar na seara pelo esforço dos que para eles trabalham, animando-os com a sua visita, em que nunca falta uma palavra de estímulo e, às vezes, no melhor dos casos, um gracejo de camarada que, com vontade ou sem ela, fará rir toda a gente. Lilith não falava, a não ser com o olheiro do local, a quem pediu informações sobre o andamento do trabalho e, uma vez ou outra, aparentemente para fazer conversas sobre a origem dos trabalhadores vindos de fora, por exemplo, este que vai aqui, Não sei donde veio, senhora, quando lho perguntei, é natural que queiramos saber com quem temos de lidar, apontou na direcção do poente e pronunciou duas palavras, nada mais que duas, Que palavras, De além, senhora. Não falou das razões por que deixou a sua terra, Não, senhora, E como se chama ele, Abel, senhora, disse-me que se chama abel, É bom trabalhador, Sim, senhora, é dos que falam pouco, cumpre bem a obrigação, E o sinal que tem na testa, que é aquilo, Também lhe perguntei e ele disse que o recebeu de nascença, Portanto, deste abel que veio do poente não sabemos nada, Não é o único, senhora, tirando os que são de cá e mais ou menos conhecemos, o resto são histórias por contar, vagamundo e foragidos, no geral gente de poucas palavras, lá entre eles talvez se confiem uns aos outros, mas não disso se pode ter a certeza, E o do sinal, como se comporta, Em minha opinião, procede como se desejasse que ninguém reparasse nele, Reparei eu, murmurou lilith falando consigo mesma. Passado uns dias apareceu na pisa do barro um enviado do palácio que perguntou a caim se tinha algum officio. Caim respondeu-lhe que em tempos fora agricultor e que havia sido obrigado a deixar as suas terras por causa das más colheitas. O enviado levou a informação e voltou ao fim de três dias com um ordem para que o pisador abel se apresentasse imediatamente no palácio. Tal como se encontrava com a sua velha túnica manchada e tornada já quase num farrapo, caim, depois de limpar o melhor que pôde as pernas sujas de barro, seguiu o enviado. Entraram no palácio por uma pequena porta lateral que dava para um vestíbulo onde duas mulheres esperavam. Retirou-se o enviado para ir dar parte ao que o pisador de barro abel já se encontrava ali e ao cuidado das escravas. Conduzido por elas a um quarto separado, caim foi despido e logo lavado dos pés à cabeça com água tépida. O contacto insistente e minucioso das mãos das mulheres provocou-lhe uma erecção que não pôde reprimir supondo que tal proeza seria possível. Elas riram e, em resposta, redobram de atenções para com o órgão erecto, a que, entre novas risadas, chamavam flauta muda, o qual de repente havia saltado nas suas mãos com a elasticidade de uma cobra. O resultado, vistas as circunstâncias, era mais do que previsível, o homem ejaculou de repente, em jorros sucessivos que, ajoelhadas como estavam, as escravas receberam na cara e na boca. Um súbito relâmpago de lucidez iluminou o cérebro de caim para isto o tinham ido buscar à pisa do barro, mas não para dar gosto a simples escravas que outras satisfações próprias da sua condição deveriam ter. O aviso prudente do olheiro dos alvenéis caíra e o cesto roto, caim assentara o pé na armadilha para onde a dona do palácio o viera empurrando suavemente, sem precipitações, quase sem dar por tal, como se estivesse distraída por uma nuvem que passava, a pensar noutra coisa. A demora do golpe final fora propositada para dar tempo a que a semente lançada à terra como por acaso pudesse germinar por si mesma e florescer. Quanto ao fruto

estava claro que já não teria de esperar muito para ser colhido. As escravas pareciam não ter pressa concentradas agora em extrair as últimas gotas do pénis de caim que levavam à boca na ponta de um dedo, uma após a outra, com delícia. Tudo acaba, porém, tudo tem o seu termo, uma túnica lavada cobriu a nudez do homem, é hora, palavra sobre todas anacrónica nesta bíblica história, de ser conduzido à presença da dona do palácio, que lhe dará destino. O enviado esperava no vestíbulo, um simples olhar bastou-lhe para adivinhar o que se havia passado durante o banho, mas não se scandalizou, é que os enviados, por razões de ofício, vêem muito mundo, não há nada que o surpreenda. Além disso, como já nesta época era sabido, a carne é supinamente fraca, e não tanto por sua culpa, pois o espírito, cujo dever, em princípio, seria levantar uma barreira contra todas as tentações, é sempre o primeiro a ceder, a içar a bandeira branca da rendição. O enviado sabia aonde estava levando o pisador de barro abel, aonde e para quê, mas não o invejava, ao contrário do episódio do lubrificante das escravas, que, esse sim, lhe perturbava a circulação do sangue. A entrada no palácio foi desta vez, pela porta principal porque aqui nada se faz às escondidas, se a dona Lilith arranjou um novo amante, melhor é que se saiba já, que não se arme aqui todo um jogo de segredinhos e maledicências. toda uma rede de risotas e murmurações, como infalivelmente sucederia em outras culturas e civilizações. O enviado ordenou a uma escrava que estava esperando do lado de fora da porta da antecâmara, Vai dizer à tua senhora que estamos aqui. A escrava foi e voltou com o recado, Venha comigo, disse para caim, e logo, para o enviado, Tu vai-te, já não és preciso. Assim são as coisas, quando ninguém se envaideça por lhe terem confiado uma missão delicada, o mais certo é que depois do trabalho lhe digam, Tu vai-te, já não és preciso, disto sabem os enviados muito. Lilith estava sentada num escabelo de madeira trabalhada, tinha um traje que devia valer um potosí, um vestido que exibiu com mínimo recato um decote que deixava ver a primeira curva dos seios e adivinhar o resto. A escrava tinha-se retirado, estavam sós. Lilith lançou ao homem um olhar apreciador, pareceu gostar do que viu e finalmente disse, Estarás sempre nesta antecâmara, de dia e de noite, tens ali o teu catre e um banco para te sentares, serás, até que eu mude de ideias, o meu porteiro, impedirás a entrada de qualquer pessoa, seja quem for, no meu quarto, salvo as escravas que o vêm limpar e arrumar, Se vier quem for, senhora, perguntou caim sem aparente intenção, Vejo que és ágil de cabeça, se estás a pensar no meu marido, sim, também esse não está autorizado a entrar, mas ele já o sabe, não tens que lhe dizer, E se mesmo assim quiser alguma vez forçar a entrada, És um homem robusto, saberás como impedi-lo, Não posso enfrentar pela força quem, sendo senhor da cidade, é senhor da minha vida. Podes se eu to ordenar, Mais tarde ou mais cedo as consequências cairão sobre a minha cabeça, A isso meu jovem, ninguém escapa neste mundo, mas, se és covarde, se tens dúvidas ou medo, o remédio é fácil, voltas para o barro, Nunca pensei que pisar barro fosse o meu destino, Também não sei se serás para sempre, o porteiro do quarto de Lilith, Basta que o vá ser neste momento, senhora, Bem dito, e por essas palavras já merecias um beijo. Caim não respondeu, estava dando atenção à voz do olheirinho dos alvenéis, Tem cuidado, diz-se que é uma bruxa, capaz de endoidecer um homem com os seus feitiços. Em que pensas, perguntou Lilith, Em nada, senhora, diante de ti não sou capaz de pensar, olheira para ti e pasmo, nada mais, Talvez mereças um segundo beijo, Estou aqui, senhora, Mas eu ainda não sou porteiro. Levantou-se, ajustou as pregas do vestido fazendo escorregar lentamente as mãos pelo corpo como se estivesse a acariciar-se a si mesma, primeiro os seios, logo o ventre, depois o princípio das coxas onde se demorou, e tudo isto o fez enquanto olhava o homem fixamente, sem expressão, como uma estátua. As escravas, livres de freios morais, haviam rido de puro contentamento, quase com inocência, enquanto se divertiam a manipular o corpo do homem, haviam participado num jogo erótico de que conheciam todos os preceitos e infracções, ao passo que aqui, nesta antecâmara onde nenhum som exterior penetra, Lilith e caim parecem dois esgrimistas que apuram as espadas para um duelo de morte. Lilith já não está, entrou no quarto e fechou a porta, caim olhou em redor e não encontrou outro refúgio que o banco que lhe estava reservado. Ali se foi sentar, de repente assustado

com a perspectiva dos dias futuros. Sentia-se prisioneiro, ela mesma dissera, Estarás aqui dia e noite só não tinha acrescentado, Serás, quando eu assim o decidir, o meu boi de cobrição, palavra esta que parecerá não só grosseira como mal aplicada ao caso, uma vez que, em princípio, cobrição é coisa de animais quadrúpedes, não de seres humanos, mas que muito bem aplicada está porque estes já foram tão quadrúpedes como aqueles, porquanto todos sabemos que o que hoje denominamos braços e pernas foi durante muito tempo tudo pernas, até que alguém se terá lembrado de dizer aos futuros homens Levantem-se que já é hora. Também caim se pergunta se não será hora de fugir daqui antes que se seja demasiado tarde, mas a pergunta é ociosa, de mais sabe ele que não fugirá, dentro daquele quarto há uma mulher que parece desfrutar lançando-lhe sucessivas negaças, mas que um dia destes lhe dirá Entra, e ele entrará, e, entrando, passará de uma prisão a outra. Não nasci para isto, pensa caim Também não havia nascido para matar o seu próprio irmão, e apesar disso tinha-o deixado cadáver no meio do campo com os olhos e a boca cobertos de moscas, a ele, abel, que também para isso não nascera. Caim dá voltas à vida na sua cabeça e não lhe encontra explicação, veja-se esta mulher que não obstante estar enferma de desejo, como é fácil perceber, se compraz em ir adiando o momento da entrega, palavra por outro lado altamente inadequada, porque lilith, quando finalmente abrir as pernas para se deixar penetrar, não estará a entregar-se, mas sim a tratar de devorar o homem a quem disse Entra.

Caim já entrou, já dormiu na cama de lilit, e, por mais incrível que nos pareça, foi a sua própria falta de experiência de sexo que o impediu de se afogar no vórtice de luxúria que num só instante arrebatou a mulher e a fez voar e gritar como possessa. Rangia os dentes, mordia a almofada, logo o ombro do homem, cujo sangue sorveu. Aplicado, caim esforçava-se sobre o corpo dela, perplexo por aqueles desgarros de movimentos e vozes, mas, ao mesmo tempo, um outro caim que não era e observava o quadro com curiosidade, quase com frieza, a agitação irreprimível dos membros, as contorções do corpo dela e do seu próprio corpo, as posturas que a cópula, ela mesma, solicitava e impunha, até ao acme dos orgasmos. Não dormiram muito nessa primeira noite os dois amantes. Nem na segunda, nem na terceira, nem em todas as que se seguiram. Lilit era insaciável, as forças de caim pareciam inesgotáveis, insignificante, quase nulo, o intervalo entre duas ereções e respectivas ejaculações, bem poderia dizer-se que estavam, um e outro, no paraíso do alá que há-de ser. Num noite dessas, noah, o senhor da cidade e marido de lilit, a quem um escravo de confiança levara a notícia de que algo extraordinário se passava ali, entrou na antecâmara. Não era a primeira vez que fazia. Marido consentidor como os que mais o têm sido, noah, em todo o tempo, como é costume dizer-se, de vida em comum, havia sido incapaz de fazer um filho à mulher e fora justamente a consciência desse contínuo desaire, e talvez também a esperança de que lilit acabasse por engravidar de um amante ocasional e lhe desse finalmente um filho a quem pudesse chamar herdeiro, que o havia levado a adoptar, quase sem se aperceber, essa atitude de condescendência conjugal que, com o tempo, viria a tornar-se em cómoda maneira de viver, só perturbada pelas raríssimas vezes em que lilit, movida pelo que imaginamos ser a tão falada compaixão feminina, decidia ir ao quarto do marido para um fugaz e insatisfatório contacto que a nenhum dos dois comprometia, nem a ele para exigir mais do que lhe era dado, nem a ela para lhe reconhecer esse direito. Nunca, porém, lilit permitiu a noah que entrasse no seu quarto. Neste momento, apesar da porta fechada, a veemência das expansões eróticas dos dois parceiros atingia o pobre homem como sucessivas bofetadas, dando lugar, nele, ao nascimento súbito de um sentimento que não havia experimentado antes, um ódio desmedido ao cavaleiro que montava a égua lilit e a fazia relinchar como nunca. Mato-o, disse consigo noah, se pensar nas consequências do acto, por exemplo, como iria reagir lilit se lhe matassem o amante preferido. Mato-os, insistia noah, ampliando agora o seu propósito, mato-o a ele e mato-a a ela. Sonhos, fantasias, delírios, noah não matará ninguém e terá ele próprio a sorte de escapar à morte se fizer nada por isso. Do quarto já não chega agora qualquer som, mas isso não quer dizer que a festa dos corpos tenha terminado, os músicos só estão a descansar um pouco, não tardará que a orquestra ataque o baile seguinte, aquele em que a exaustão sucederá, até à noite seguinte, ao violento paroxismo final. Noah já se retirou, leva os seus projectos de vingança, que acaricia como se afagasse o corpo inacessível de lilit. Veremos como acabará tudo isto.

Depois do que aí ficou descrito, é natural que a alguém lhe ocorra perguntar se caim não anda cansado, espremido até aos tutanos pela insaciável amante. Cansado está, espremido também, e pálido como se estivesse à beira de extinguir-se-lhe a vida. É certo que a palidez não é mais que consequência da falta de sol, da privação do benéfico ar livre que faz crescer as plantas e dourar

- **[Gender, Politics, and Poetry in Twentieth-Century Argentina book](#)**
- [download *A History of the Byzantine State and Society*](#)
- [read *Ava's Man*](#)
- [The New Joys of Yiddish: Completely Updated online](#)
- [download *The Tomb of King Tutankhamen \(Unearthing Ancient Worlds\)*](#)
- **[download online *Saving Container Plants: Overwintering Techniques for Keeping Tender Plants Alive Year after Year \(Storey Basics\)*](#)**

- <http://studystrategically.com/freebooks/77-Rue-Paradis.pdf>
- <http://sidenoter.com/?ebooks/Unbowed--Unbroken--Unrelenting--An-Antihero-Anthology--DLP-Anthology--Volume-1-.pdf>
- <http://sidenoter.com/?ebooks/Ava-s-Man.pdf>
- <http://toko-gumilar.com/books/The-New-Joys-of-Yiddish--Completely-Updated.pdf>
- <http://unpluggedtv.com/lib/Lubrication-Fundamentals--3rd-Edition-.pdf>
- <http://kamallubana.com/?library/Black-Flag--Pike-Logan--Book-4-5-.pdf>